DISCURSO

MORAL, E POLITICO.

RECITADO NO DIA 4 D'ABRIL DE 1836,

Na Sé Cathedral de Coimbra,

PELA OCCASIÃO DA BENÇÃO DA BANDEIRA

DO BRILHANTE CORPO

DA

Guarda Nacional da mesma Cidade.

POR

A. A. Martins.

COIMBRA : Imprensa de Trovão & Companhia, — 1836.

Meu Pai

Convencido, que receberá com afabilidade este meu primeiro ensaio oratorio, eu lh'o dedico; em perpetua memoria d'um agradecido filho.

Antonio Alves Martins.

**

Laqueus contritus est, et nos liberati sumus.

Ps. 123.

DISCURSO
MORAL, E POLITICO.

GRande dia, Conimbricenses, grande dia fez oje a natureza raiar sobre o orizonte; dia sem igual nos passados anaes da Patria; dia memoravel para os Portuguezes: porisso que pondo termo a antigos males, a seculos de barbaridade, e degradação em que viviamos, vai firmar novas épocas de ventura para a Luza gente.

Dias de eterna memoria tem avido assás, e bem modernos.

O oito de julho em que se firmou aquelle pavilhão da liberdade sobre as areias do Mindêlo, esse dia, em que as falanjes libertadoras se acantonárão n'essas para sempre memoraveis praias, foi grande.

O vinte e nove de setembro, em que êsse imenso podêr de vandalos, orgulhosos, ousárão penetrar o santuario da liberdade, esse dia, em que a morte exercendo seus direitos crueis sobre a umanidade, fez os maiores estragos no campo de Marte, foi dia grande.

O vinte e cinco de julho, em que os louros Francezes, colhidos nas praias berberêscas, vierão murchar em frente da cidade eterna, esse dia, em que o vencedôr d'Argel conheceu a diferença que avia em combater barbaros, ou omens livres, esse dia, cujo rezultado a Europa inteira ambicionava realizado, esse dia, em que os libertecidas fundamentavão suas loucas esperanças, foi dia em que se cobriu de gloria o eróe Portugez.

Porém, não cedendo a primazia o Franco eroismo, deslócão-se essas massas enormes, e em breve a capital sófre um rigorôso assédio; os murchos louros querendo reverdecer, asséstão-se bocas de fogo a centos, e já por toda a linha nada mais se ouve, que os sinaes da morte: porém o Franco orgulho é calcado aos pés á vista de Lisboa, qual outrora sofreu no mesmo lugar; confuso, e segunda vêz vencido, Bourmont já não existe.

***

A carnajem d'Almostér, que decidiu quasi a sorte da guerra, Asseiceira, e outros, forão sem duvida dias grandes, e de muita gloria: porém o dia d'oje é superior a todos esses; ganhárão-se grandes batalhas, e por isso taes dias tornárão-se notaveis n'um seculo; porem o dia d'oje é maior que os seculos todos: por esses dias victoriosos decediu-se a sórte do paiz, conseguiu-se a liberdade da Patria; pelo dia d'oje consolida-se a mesma liberdade, e a Patria recebe uma duração eterna.

De nada vale conseguir um bem, se o não podemos conservar; é portanto o dia d'oje superior a todos, porisso que nos assegura a posse eterna d'aquilo que tanto sangue nos custou.

Oje os Céos benignos, que tão vesivelmente, protejêrão a causa da liberdade, interpondo seu omnipotente braço em favor dos opremidos, abrindo seu tesouro de graças fazem chover suas divinas bençãos sôbre aquele trofeo bicolôr, sacro emblema das liberdades patrias; oje o ministro do Senhor, estendendo suas ungidas palmas sobre aquele pavilhão, faz comunicar-lhe o divino influxo, que altas promessas ligárão a tão augusta ceremonia.

Oje aquele sagrado pinhôr, rezultado de tantas victorias, abençoado pelo Ceo, vai ser entregue á salvaguarda deste corpo respeitavel de cidadãos onrados, este côrpo tão venerando pelos altos fins a que é destinado, que basta só a lei chamar a qualquer cidadão para o seu gremio, para ele se tornar um omem nobre, e mais que tudo um cidadão livre.

Oje a propria liberdade, vai ser entregue á guarda da Nação.

Oje todos os cidadãos perante as sacras aras, estendendo suas dextras outrora cativas, oje livres, e armadas, alí sobre aquele trofeo da liberdadade juraráõ defende-la eternamente.

Alí juraráõ jámais tornarem a entrar nessas tenebrosas cavernas donde surgírão; alí juraráõ odio eterno á tirania onde quer que ela se encontre: seus braços armados jámais deporáõ as armas, estão comprometidas onra, vida, liberdade, e tudo; e porisso ninguem

poderá duvidar de sua fidelidade, e só a morte poderá desmentir suas promessas.

Ceos! Que mil prodigios obrasteis em favor dos opremidos! para que os iludidos conhecessem, que a causa da liberdade é a causa do mundo, é a vossa causa!? Não desampareis os Portuguezes para que eles saibão conservar, aquilo que vós lhe outorgasteis.

LAnçando um golpe de vista sobre o quadro mundano, remontando-nos mesmo áquelas épocas, em que apurada critica nada apresenta, senão um cáos tenebrôso; encarando os póvos barbaros em sua origem, orgulhósos na prosperidade, e umilhados na decadencia, que vasto campo se não oferece a um livre pensador? Que reflexões assás atendiveis se nos antólhão?

A identica natureza em todos os omens, fêz conhecer uma só origem para todo o universo, e esta unica origem foi constituir a todos em perfeita igualdade de direitos. Porém tudo aspira ao dominio, e ambição, não sei por que fatalidade, faz generalizar tanto o seu veneno, que paréce toda a umanidade infecionada, geme escrava do seu podêr; e ouza até contar entre seus adoradores os omens todos!!

Póde éla considerar-se como o germen de todos os crimes em que o mundo se acha submergido. O pacto social, em que se funda o regimen de todos os póvos, e cuja existencia déve necessariamente sêr coéva á do proprio omem, é a prova mais saliente, que póde dar-se.

O dezejo inato da superioridade, faz pôr em movimento todas as paixões do omem, e daqui nascem os excessos, as violencias, as agressões ao nosso semilhante e sua propriedade, e como tal dezordem se tornasse geral, tomou igual extensão a necessidade de reciproca aliança.

* * * *

Daqui a origem das sociedades; porém ainda que os omens tomando uma nova fórma no seu regimen externo, não mudárão de naturéza; porisso os crimes, consequencia das paixões em tumulto, tomárão ùm aspecto tão aterrador, que chegoú a assustar os proprios agentes de tál flagélo.

Decorrem annos, lustros, seculos decórrem, e esta impia luta entre o dominio, e a opressão vai devorando gerações inteiras sem que élas vejão finalizar seus males; aqui, acolá, em diversas épocas, os póvos, conhecendo os direitos que lhes assistem, tem assumido um caracter de independencia, suas justas queixas são levadas á prezença dos opressôres; porém sendo dezatendidas e seus males não providenciados, tem recorrido algumas vezes ás armas: mas infelizmente, ou seus exfórços forão ineficazes, ou seus triunfos de pequena duração.

As sciencias, monopolizadas em certa ordem de pessoas, que servião exactamente as vistas dos opressores, fazem dormitar os póvos n'uma perfeita ignorancia para melhor os conter debaixo do ferreo jugo:

Finalmente a Politica, pondo em ação todos os meios ao seu alcance, conserva os opremidos na degradante condição, a que seus caprichos os tinhão reduzido.

Porém quando as sciencias, passando álem as barreiras que lhe tinha prescrito a tirania, vão ilustrar todas as classes do Estado... Quando o Artista, o Agricultôr, o Comerciante e todos os cidadãos conhecem perfeitamente seus direitos... Quando se convencem que a natureza, dando a todos a mesma origem, identico fim rezerva a todos... Quando eles conhécem o vergonhozo, e mizero estado de baixêza a que se achão reduzidos... Então, então seu espirito reassumindo aquéla força que lhe é natural, dezejôzo de vingar-se das afrontas recebidas; já não á sacrificio que não faça, não á dificuldade que não vença, só para recuperar seus direitos perdidos.

O Colôsso dos déspotas, vendo-se dezobedecido, baqueia já por toda

a parto, e os nomes de liberdade, e tiranía dividem os omens, e as nações em dous partidos: Porém os tiranos, não socumbindo com este primeiro choque, vão lançar mão dos ultimos recursos, que lhes ministra sua perversidade.

Levantão grandes exercitos mercenarios, e dispondo dos bens dos póvos, sustêntão este imenso podêr, para sacrificar os mesmos póvos, e constituil-os na colizão, ou obediencia cega, ou a morte!!

Surge do vergonhôzo letargo um povo, uma cidade, uma provincia contra suas pertenções caprichozas; lá marcha uma columna volante para reprimir seus clamores; e as violencias, os saques, as mortes, e toda a qualidade d'exterminio, e dessolação, é o rezultado de seus exfórços.

A istoria antiga e moderna tristes exemplos nos aprezenta desta verdade; a infeliz Polonia, ainda á pouco nos deu sobejas provas. Solemnes votos dirije ao Todo Poderozo, protesta perante os altares suas rectas intenções, levanta em fim o grito de liberdade: porém lá desaba do Norte esse Colôsso barbarico, amiaçando a tudo ruina, e morte. Seu impio orgulho é repremido pela corájem Palonêza, as margens do Vistola são regadas com sangue d'eróes; mas em breve o exercito do tirano, calcando aos péz cadaveres livres, vai reduzir a cinzas a infeliz Polonia!!

As tristes reliquias d'aquele povo desgraçado, mas eróe n'adversidade, perdendo seus bens, liberdade, e tudo, por esse mundo vagueião sem patria, restando-lhes apênas as inoficazes simpatias de todos os liberaes do mundo. Eix os tristes efeitos da força, que os déspotas depozitárão em bruta massa, que tem assalariado á custa dos póvos, que escravizão.

Não é porém esta regra tão genérica, que não tenha suas excepções; nós á pouco observamos, que parte do exercito seguiu a cauza comum, emigrou, e com seus exfórços ajudou a sustentar a liberdade agonizante nos roxedos da Terceira; com tudo a origem dos exercitos é barbara, e sua conservação ainda é mais barbara.

Oje é principio inquestionavel, que nação alguma póde sêr livre, e feliz, em quanto sustentar grandes exercitos; absorvem-se todas as rendas dos Estados, só para sustentar a nobre arte da destruição, e da morte.

Excitão-se questões entre os reis, produzem-se razões de parte a parte, e em ultima analize, recorrendo ás armas, da parte do vencedor está a justiça, e razão. Nada á mais inconsequente: acazo a justiça, e razão acompanharáõ sempre a victoria? Não por certo. Comtudo os exercitos estão constituidos juizes das questões entre os Reis, da legitimidade dos mesmos Reis, e até mesmo, o que orroriza! Ouzão decedir da bondade dos governos, que regem os destinos dos póvos.

Para contrapezar pois este mal necessario, forão instituidas as Guardas Naciônaes, estes córpos respeitavéis, estes baluartes das garantias da Nação; cidadãos onrados, que por sua industria, em qualquer ramo, concorrem para sustentar o Estado, são estes a quem a lei chama para este exercito independente, e gratuito, cuja paga, a tranquilidade pública; que odeia a anarchia, e nada mais ambiciôna, que o bem estar da sociedade.

Felecitar os póvos, frustrando todas as despoticas tentativas do exercito mercenario, exis o grande fim do seu instituidor.

Os cidadãos, cedendo parte d'aqueles direitos, que a natureza a todos prodigalizou, escolhem um ou mais nas mãos de quem depozitão este sagrado pinhor; são inteiramente livres em adoptarem aquela fórma de governo, que julgarem mais vantajóza, atendidas as circunstancias do tempo, lugar, e pessôas.

Porém a experiencia de muitos seculos tém demonstrado, que a monarchia ereditaria é a milhor fórma de governo, que os omens tem imaginado para repremir os exfórços d'ambição: mas uma monarchia regúlada por leis, que se derivem das leis eternas da natureza, por essas leis, que tem sua origem no Ente Supremo regulador de toda a ordem.

O Rei não érda o reino; mas unicamente o direito de governar segundo as leis, o titulo de crança garante ao Rei, ou chefe do Estado, certas prerogativas, que, desde aquele momento em que os cidadãos o investírão da coroa, são forçados a reconhecer-lhe, pela simples convenção a que livremente subscrevêrão.

Sendo ó primeiro entre os cidadãos, nada mais tem a dezejar, sua ambição fica saciada, e nada mais lhe resta, que a gloria de felecitar aquele povo, que uma vêz lhe conferiu o titulo de Pai:

Portanto o objecto mais amavel para um Rei, é o seu povo, e da parte da Nação, é ele tambem aque se enderêção todos os votos de respeito, e gratidão. Os vinculos d'união entre o povo, e chefe do Estado, são os que prescrevem a inviolabilidade dos direitos do Monarcha, e Nação; e para que se conservem ilezos taes direitos, é necessario que a força da Nação, nunca jámais se depozite em mercenarias mãos; porém que seja concentrada na massa dos cidadãos, afim de que eles vigiem nos grandes abuzos, que podem ter lugar, no sacro pinhor que depozitárão nas mãos de quem os governa.

Tem portanto os póvos devêres a cumprir, e altos deveres que se achão ligados ao nobre caracter de cidadão livre; mas nunca os cumprem, senão quando os conhecem perfeitamente, e nunca os conhecem, senão quando taes deveres se achão ligados com seus interesses, e seus direitos.

Os deveres mais sagrados, que o omem tem a prestar à sociedade, são aqueles que pódem ter um efeito mais vantajòzo para o paiz; o primeiro destes que naturalmente se apresenta, é sustentar o Governo, e da parte do Governo, é nunca jámais uzurpar aqueles direitos, que a Nação se rezervou, e pelo bom uzo d'aqueles, que lhe forão confiados, deve o Governo acreditar-se felecitando os cidadãos, que em suas mãos os depozitárão.

O Governo porém não póde ser auxiliado mais eficasmente, senão pelo concurso reciproco dos exfôrços dos cidadãos iluminados, e poder executivo; por quanto a todos animão identicos interesses

e porisso todos se devem unir não só para formarem uma barrêira invencivel á insaciavel ambição d'aristocracia; mas reprêmirem as uniistissimas consequencias d'um povo anarchico.

Está pois levado á evidencia, que as Guardas Nacionaes são os corpos mais respeitaveis pelos altos deveres que tem a cumprir, são estes córpos a salva-guarda da liberdade da Patria; tem a seu cargo vigiar o bem comum da sociedade, são considerados como orgãos da opinião pública, serāõ responsaveis perante Deos, e o mundo dos abuzos que fizerem da força que em suas mãos se acha depozitada, os braços dos cidadãos jámais deixarāõ de estar armados: porque aliás, se depositarem as armas em mercenarias mãos, nesse momento perigou a liberdade da Patria.

Quando Roma florente caminhava a passos largos para sua grandeza, semilhantes instituições marchavão a par de suas virtudes; porém quando o vicio, e corrupção tomárão assento em suas deliberações senatorias, a virtude foge expavorida por não achar em Roma um só adorador, e as instituições liberaes, faltando-lhe seu unico apoio, socumbirão: levanta-se um exercito mercenario, e Roma a si decréta a propria morte.

Este composto de vicios faz generalizar a corrupção, o povo ilúde-se com seu brilhante aspecto, e aturdido com o estrondo de suas armas victoriozas, vai alimentando o monstro, que um dia vem a traga-lo.

Seus chefes ufanos com as victorias que em toda a parte os acompanhão, já orgulhózos recuzão partilhar sua gloria com o Senado, e disputando-se reciprocamente a dictadura, batem-se como déspotas nos campos de Farçalia. Decide-se a victoria a favór de Cezar, e nesse momento expirou a liberdade Romana.

Catão conhece os anteriores erros do Senado, mas não póde já remedia-los; e sem duvida, por não ser tambem um Despota, cobarde se deu a morte.

Nas instituições das Republicas Gregas, nos codigos de Sólon, e

Licurgo, além dos nomes, pouco mais existe que seja verdadeiramente liberal.

A França é oje quem nos dá o exemplo como se deve portar um povo livre, seu póder imenso concentrado em milhão e meio de Guardas Nacionaes, faz manter a Nação naquele grão de respeito, de que se torna digno um povo ilustrado, civil, e grande.

Quando alí o governo abuza do poder que lhe foi confiado, n'um momento é derribado; sómente as guardas de Paris, a despeito de todo o exercito, em tres dias expulsão um tirano, escolhendo um novo Rei que os possa felicitar.

Portugal porém á passado por vecessitudes, que são originaes, e não se encontrão nos anaes de outros paizes. Debaixo de varias fórmas se lhe tem aprezentado liberdade; mas sempre combatida, tem encontrado uma barreira invencivel na iluzão dos Portuguezes. Tem lutado com todos os prejuizos, que se firmavão na ignorancia que éra abitual a todas as classes do Estado.

Foi necessario que o Todo Poderôzo obrasse os maiores prodigios para que éla se firmasse eternamente: foi necessario que a Providencia permetisse chegar entre nós ao maior apuro os efeitos da tirania.

Sim por vezes nós temos visto tremular sobre o sólo Portuguez aquele trofeo da liberdade, nós d'aqui a vimos retirar-se expavorida, não podendo medir-se com a prepotencia do tirano; e que dias ominózos se não passárão em sua auzencia?!! Que scenas d'orror nós não prezenciamos?!! Rodárão por essas praças, as cabeças de seus adoradores que não podérão emigrar com éla!! Creárão-se alçadas, comissões mixtas, que decedião sem piedade das vidas de tantos cidadãos sem crime! Enchem-se as cadeias já existentes, edeficão-se outras, spelimcas subterraneas são o asilo da inocencia ultrajada: inventão-se novos generos de morte, aqui se fuzila, além se garroteia, acolá são arrastados pelas ruas públicas, e de seus corpos depois de queimados, recebe o mar com desprèzo as cinzas.

Mas! nos seculos futuros, na posteridade, quem poderá dár as-

senso a que se perpetrassem taes crimes na Patria minha ! ! Patria d'erócs, que te convertestc em covil de monstros ! ! !

Persegue, cativa, e mata Tigre de Hircania, impio Miguel !? Podeste tirar mil vidas aos Portuguezes : mas a firmieza d'alma ?. . o prazer de serem victimas da liberdade?. . não conseguiste arrancar-lho do peito ! ! ! ! Porem corra-se um véo, vote-se tudo a um esquecimento eterno ; para que a natureza amotinada não conspire contra os autores de tão orrorózos atentados. Mas se ouver um só entre os Portuguezes, que ainda suspire pelos tiranos; os Céos fulminaráõ sobre ele seus raios vingadores.

Grandes fenomenos politicos tivérão lugar n'um, e n'outro emisferio, para que o pavilhão da liderdade de novo tremulásse sobre o sólo Portuguez, e fosse primeiro firmar-se no proprio lugar do sacrificio.

Porém já as coórtes inemigas avanção sobre as linhas da cidade eterna, e o Grande Pedro, ouvindo o estrondo das armas, que já tinhão profanado o sacro territorio vóa a seu encontro. . .. Mas que dòr pungente d'improvizo o assalta, quando as ruas de mortos juncadas, lhe védão a rápida carreira ?! Indecizo Pedro, por sentimentos que descrever se não podem ; sóbe em fim a um montão de cadaveres, e dali, por entre essa nuvem de fumo, que já a cidade cobria, levanta aos Ceos iracundos olhos, e lhe dirije piedozas suplicas. Ceos ! Por que sorte adversa, eu que abdiquei duas coroas, que julguei mais onrôzo vir libertar a Patria ; por que acerbo destino sou condenado a subreviver a este montão de ruinas ? ! ! Por que fado iniquo sou forçado a calcar aos péz estes cadaveres livres, que jurárão comigo libertar a Patria ?! !

São estas as suas, e minhas recompensas ? ! ! Porque me não tiraes a existencia, que de nada já mais serve, que prolongar minha desgraça ? ! Mas exis que do lado do Norte, vibrão o ar desconcertadas vozerias, clarins, caixas, roucos sons, trombetas, dezordem tudo ! Avanção já as tiranicas legiões, e até ouzarão profanar o sacro azilo

da liberdade ! Pedro vea, chega e vence : firma com seu punho sobre o reducto aquele Pavilhão, e clama victoria, victoria. Corre d'um a outro extremo da linha, e já inemigos não á, tudo fugiu, expavorido.

Onde aparéce este sinal, lá a victoria, no mar, na terra, S. Vicente, Almada, Almoster, Accisseira, corre em fim todo o paiz, e a quem vença já não encontra. É pois o Grande Pedro, o erôe do mundo, os seculos não podem marcar lemites a sua gloria; despreza coroas, vence batalhas, e para coroar seu eroismo, jazem a seus péz dous tiranos vencidos ! !

Verá pois o mundo, e a posteridade, se tem exestido um só mortal, a quem o grande Architeto prodigalizasse iguaes favores. Não parou aqui porém sua gloria; prostrado a seus péz o torvo despotismo, implora o não merecido perdão, como prêzas da guerra, devião ficar cativos, Pedro dá-lhe liberdade; como tiranos, devião ser punidos, Pedro dá-lhe amplo perdão ! !

Excedeu portanto todos os vencedores, porque se venceu tambem a si proprio, venceu a mesma gloria ! !

Perdoou Pedro, perdoemos tambem, sigámos o seu nobre exemplo; ainda mais devemos a seus Manes, a suas venerandas cinzas ! ! ! Mas que digo ! ! . . Cinzas de Pedro. . . Ah ! ! Não ? ! Pedro não morreu, êle ainda existe.

Pedro reinará no coração dos Portuguezes, em quanto se conservar em seu poder, aquele pinhor da liberdade, que oje aqui se jurou durar eternamente, e ainda além da eternidade.

AMEN.

Relação dos Senhores Subscritores.

Ill.mos S.rs

Adriano Pereira da Graça.
Adriano Pereira Marques.
Alexandre Augusto de Freitas.
Dr. Antonio Fernandes Salazar.
Antonio Florencio Sarmento.
Prior Antonio de Jesus Freire.
Dr. Antonio Joaquim de Campos.
Antonio Joaquim Ferreira Lima.
Antonio Joaquim de Figueiredo Serra.
Antonio José Alves Borges.
Antonio José Cardoso Guimarães.
Antonio Julio de Castro Pinto Magalhães.
Antonio Maria Carvalho. . 2 Ex.
Antonio d'Oliveira.
Antonio Sergio Capeto Negrão.
Antonio V. Peixoto.
Arcenio F. da Silva.
Basilio José Ferreira.
Balthasar Pereira Bastos.
Domingos Antonio Fernandes Salazar.
Domingos José de Sousa Magalhães.
Dorico Mendes de Castro.
Eugenio Antonio Galião.
Euzebio Joaquim da Encarnação.
Francisco Antonio Pereira da Costa.
Francisco Bernardes Saraiva.
Francisco Carrilho Bonaxo.

Francisco Carvalho.
Francisco de Castro Freire.
Francisco Corrêa da Silva Sampaio.
Dr. Francisco Fernandes da Costa.
Francisco Ferreira Magalhães.
Francisco José da Costa Braga.
Francisco José de Magalhães.
Francisco José Rodrigues da Rocha.
Francisco Luiz de Figueiredo.
Francisco Maria Gaspar.
Francisco Marques de Figueiredo.
Francisco dos Santos Netto.
Henrique do Coutto Almeida Valle.
Jacinto Soares dos Reis.
Dr. João Alberto Pereira Azevedo.
João Antonio Carvalho.
João Antonio de Carvalho Junior.
João Antonio de Sousa Doreas.
João Baptista Ferreira Junior.
João Baptista Monteiro.
João Cardoso Guimarães.
João Herculano Sarmento.
Prior João José de Vasconcellos.
João Lopes de Sousa Junior.
J. M. M. Paes.
João Maria dos Santos.
João da Silva Cardozo Vasconcellos.
Joaquim Antonio Diniz.
Joaquim Antonio Nazareth.
Joaquim Baptista de Basto.
Joaquim Bernardes d'Almeida.
Joaquim Cardoso Bizarro.

Joaquim Gonçalves Mamede.
Joaquim José da Cunha Novaes.
Joaquim Mendes de Castro.
Joaquim Miguel d'Araujo Pinto.
Joaquim Ozorio de Mello.
Joaquim Pereira Coelho.
Joaquim Pinto de Lima.
Joaquim Pinto de Magalhães.
Joaquim Simões de Carvalho.
José Antonio da Cruz.
José Antonio Dias de Castro.
José Antonio Mendes.
José Barata da Silva.
José da Costa Mattos Torres.
José Duarte Nazareth.
José Joaquim Grijó,
José Julio Cezar.
José Lopes Guimarães.
José Maria Motta.
José Maximiano Pereira de Figueiredo.
José Rodrigues de Mattos.
José Xavier Pereira.
Justino Rodrigues da Conceição.
Leandro Pinto Frausto.
Luiz Antonio.
Dr. Luiz Ferreira Pimentel.
Luiz Simões.
Manoel Antonio da Costa Seixas.
Manoel Francisco Leonardo.
Manoel Francisco Moraes Sarmento.
Manoel Ignacio da Conceição.
Manoel Joaquim d'Almeida.

Manoel Joaquim Simões.
Manoel Joaquim de Sousa Guimarães.
Manoel José Botelho.
Manoel José da Costa Soares.
Manoel José da Cunha Novaes.
Manoel José Galvão.
Manoel José de Sousa.
Manoel José Teixeira Guimarães.
Padre Manoel Marques Pereira Ribeiro.
Manoel Pedro.
Manoel Ribeiro Leitão.
Manoel Rodrigues Bruno. . . 2 Ex.
Manoel dos Santos Jardim.
Manoel de Sousa Bastos.
Miguel Antonio.
Nuno José da Cruz. . . 2 Ex.
Pedro José Baptista.
Pedro José Pereira de Sousa.
Rodrigo Antonio da Silva Paes.
Rodrigo José de Moraes Soares.
Rodrigo Nogueira Soares.
Ruben Pompilio de Garpio.
Rufino Guerra Ozorio.
Semião Pinto de Mesquita.
Padre Serafim Cardoso da Silveira.